



Editorial

Suana Medeiros Silva

Universidade Federal de Alagoas

Ana Carolina Gonçalves Leite

Universidade Federal de Pernambuco

Este número da **Revista OKARA: Geografia em debate** é composto por artigos apresentados em quatro diferentes Grupos de Trabalho do IX Simpósio Internacional de Geografia Agrária e X Simpósio Nacional de Geografia Agrária, realizado na Universidade Federal de Pernambuco, Recife, entre 11 e 15 de novembro de 2019. Como foi destacado pelo próprio tema, “Para além das cercas que nos cegam: as naturezas das r-existências no campo na América Latina” do SINGA 2019, sua construção e realização estiveram atravessadas por grandes desafios próprios do momento histórico que o Brasil e a América Latina vêm passando. Momento de ascensão de uma extrema direita e aprofundamento dos conflitos por terra e água, além da instauração de um ambiente político pautado em ameaças às liberdades de expressão e de cátedra também na universidade. Ou seja, momento em que violências coloniais e neoliberais mostram-se mais evidentes como estruturas sociais legitimadas pelo Estado.

Ao longo de mais de duas décadas, o SINGA se estabeleceu como espaço de debates teórico-epistemológicos de questões relativas à questão agrária e aos conflitos e lutas socioterritoriais do campo no Brasil e na América Latina. Desde 1998, vem promovendo o encontro entre saberes acadêmicos e aqueles das classes e povos espoliados da terra e de seus territórios, que incentiva uma necessária transformação para a Geografia Agrária e a própria Geografia. Realizado no contexto de acirramento que vimos experimentando nesse novo tempo do mundo, o SINGA 2019 significou partilha de inquietações, angústias, resistências, reflexões sobre as emergências e os caminhos das lutas coletivas atuais, mas também das históricas e das que podem vir a ser no futuro.

No interior das já críticas condições brevemente apontadas, tão logo iniciado o ano de 2020 nossa sociedade defrontou-se com a pandemia por COVID-19. Inúmeras formas de violências no campo cuja discussão esteve no centro do SINGA 2019 foram agravadas desde então. Mas não só isso. Como diversas pesquisadoras e pesquisadores tem demonstrado, a emergência desse vírus resulta da própria forma de produção agropecuária atual, a mesma que é responsável pelo agravamento daquelas violências. Desde a gripe suína ou da

gripe aviária vinha ficando evidente o nexo entre epidemiologia e agronegócio. Agora, de maneira cada vez mais urgente, a necessidade de estudá-los em conjunto aparece pelo potencial pandêmico das novas cepas. Notadas as causas da pandemia e as consequências da sua forma de gestão, fica evidente, ainda, o projeto de morte que reproduz nossa sociedade hoje, sobretudo para o povo negro, os povos originários, mulheres e homens do campo, pescadoras e pescadores, trabalhadoras e trabalhadores já empobrecidos. Os artigos desse número abordam o mundo em que a pandemia foi engendrada, nexos desse projeto de morte, podendo, assim, contribuir significativamente para a reflexão sobre ele.

Eles foram apresentados nos seguintes GTs do SINGA 2019: Questões de gênero, geração e sexualidade no campo; Mundialização e financeirização da agricultura Educação do/no campo; Projetos de extensão universitária, de formação e de produção de materiais didáticos e audiovisuais no campo. De cada GT, foram selecionados cinco artigos.

O trabalho se realizou da seguinte maneira: Os coordenadores de cada um dos respectivos GTs presidiram equipes responsáveis pela análise e seleção de cinco artigos efetivamente apresentados no simpósio, priorizando-o como espaço de interlocução e não apenas como plataforma para publicação de trabalhos. Sugestões e exigências propostas pelos pareceristas foram enviados às autoras e aos autores que puderam revisar e aprimorar seus documentos. Após a submissão das versões finais, a equipe da Comissão Científica do SINGA 2019 trabalhou, ainda, revisando eventuais erros restantes. Aproveitamos essa menção para agradecer especialmente aos/às coordenadores/as dos quatro GTs aludidos, pois, sem eles/elas, esta publicação não teria sido possível. Agradecemos também a toda equipe da **Revista OKARA**, responsáveis pela diagramação do conjunto. Para fechar, comentaremos, agora, os quatro conjuntos de textos que com prazer publicamos.

De um modo geral, o debate em torno das questões de gênero é recente na história da Geografia. Assim acontece também na Geografia Agrária. O GT *Questões de gênero, geração e sexualidade no campo*, é inaugurado no SINGA 2013, realizado em João Pessoa/PB. Sua criação e consolidação, revela a ampliação nos últimos anos de pesquisas voltadas a compreensão das relações de gênero no campo. Os textos aqui apresentados abordam a questão de gênero a partir de duas perspectivas principais: a divisão sexual do trabalho, desvalorização e invisibilização do trabalho feminino no campo e; o protagonismo das mulheres nas estratégias de resistência camponesa e nas lutas por terra e território. Além disso, um dos artigos aborda as relações de gênero de indígenas equatorianas/os, discutindo a participação política das mulheres Runa em suas comunidades.

O debate geográfico e, mais especificamente, da geografia agrária sobre a mundialização e a financeirização da agricultura já não é tão recente e, mesmo assim, apenas nesse SINGA realizado em 2019, em Recife/PE, inaugurou-se um fórum próprio para pesquisadoras/es da questão que antes achavam-se noutros diferentes GTs. Se, por um lado, a atitude demonstra a consolidação dessas perspectivas para problematizar as condições de reprodução hodiernas da agricultura, por outro, é sintoma do agravamento desse processo e de suas implicações funestas que chamam a atenção de cada vez mais pesquisadores. Nesse número, publicamos artigos voltados à apresentação de importantes referenciais teóricos para a discussão conceitual sobre o capital financeiro; à análise das determinações responsáveis por ensejar uma centralidade para as *commodities* num contexto de grave crise de lucratividade do capital, produzido o chamado “boom das commodities”; à discussão da territorialização do agronegócio do café no Sul de Minas, observando o papel do crédito na monopolização do território; à investigação das formas críticas de reprodução do capital sucroenergético e o nexos delas com o chamado “land grabbing”; e, finalmente, aos investimentos chineses que hoje promovem a reestruturação produtiva nos cerrados brasileiros.

A luta pela educação do/no campo é parte importante da luta pela Reforma Agrária no Brasil. Além de garantir o direito da população camponesa a educação formal, representa um valioso instrumento de permanência da juventude no campo. Os textos publicados aqui abordam a questão a partir de alguns aspectos, trazendo a educação do/no campo como uma forma de resistência, de valorização do modo de vida camponês, de formação e incentivo a prática da agroecologia e; ao mesmo tempo, apontando o fechamento das escolas do campo como uma negação desse modo de vida. Alguns trabalhos trazem estudos e relatos sobre experiências concretas de educação do/no campo, evidenciando o espaço de troca e partilha de saberes e apontando desafios na garantia desse direito.

Por fim, o GT tradicionalmente dedicado aos projetos de extensão universitária alarga seu horizonte, passando a incluir processos de formação, produção de materiais didáticos e audiovisuais no campo e mostrando as diversas formas de diálogo profícuas entre saberes acadêmicos e tradicionais propostas desde a universidade. Os artigos selecionados trazem experiências realizadas pela UFCE, UFPR, USP, Universidade Federal de Jataí e UFG em conjunto com comunidades quilombolas, assentamentos, grupos indígenas, camponeses, entre outros, para formação de professores, mediação entre comunidades e instituições de ensino, extensão agrícola e agroecológica e, ainda, educação socioambiental e formação profissional. Mais que relatos, todos eles oferecem ainda um panorama para pensar histórico, transformações recentes e lutas a serem travadas na extensão universitária.

Propondo um entendimento da questão agrária como nó das contradições do campo e das desigualdades do país e da América Latina, o SINGA nasce como caminho para a reflexão crítica, intercâmbio de saberes e construção de futuros possíveis contra a dilapidação histórica e colonial dos povos de suas terras e territórios e pelas lutas socioterritoriais passadas e atuais. Continuemos essa caminhada, entendendo que as relações de dominação alicerçadas nessas contradições movem inclusive o funcionamento da universidade e da produção científica. Enfrentando o abismo entre instituição e chão das comunidades, contudo, já se pode ouvir ecos de outros mundos que estão a surgir todos os dias.